

Morte de escravos, forros e livres na Vassouras oitocentista: uma análise comparativa, 1840-1870.

Iamara da Silva Viana.*

Resumo: Muitos são os estudos que privilegiam questões da vida de escravos e libertos no Brasil. Nossa pesquisa prioriza as condições de morte e expectativa de vida de escravos e libertos, fato que nos possibilita adentrar na própria questão da vida, ou mais especificamente nos anos finais de vida de tais indivíduos. Numa sociedade escravista, podemos também observar a hierarquia social presente no bem morrer não apenas entre os escravos, mas também entre os livres e os forros. Nosso objetivo neste trabalho, é apresentar uma análise comparativa entre as condições de morte de escravos, forros e livres no período de 1840-1870 em Vassouras. Tal análise tem como finalidade, contribuir para os estudos em torno da questão de vida, expectativa de vida e morte de escravos no oitocentos.

Palavras-chave: Escravidão – Morte de escravos - Expectativa de vida

Abstract: There are many studies that focus issues of life of slaves and freed in Brazil. Our research prioritizes the conditions of death and life expectancy of slaves and freed, a fact that enables us to enter the very question of life, or more specifically in the final years of life of those individuals. In a slave society, we can also see this in the social hierarchy and dying not only among the slaves, but also between the free and linings. Our goal in this work, is to provide a comparative analysis of the conditions of death of slaves, and free lining in the period of 1840-1870 in Vassouras. This analysis is to, contribute to the studies around the question of life, expectation of life and death of slaves in eight hundred.

Keywords: Slavery -- Death of slaves - Expectative of life

A construção política da morte fora modificada na história das sociedades. O ser humano nas diversas formas de pensar em cada período histórico desenvolveu uma maneira singular de viabilizar conceitos e atitudes relativos à morte. Os antigos temiam a

* Mestranda em História Social do Território, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

proximidade dos mortos, mantendo-os à distância. Um dos objetivos dos cultos funerários era impedir que os defuntos voltassem para perturbar os vivos. Os dois mundos, dos vivos e dos mortos, deviam ser separados. “É por isso que em Roma a Lei das Doze Tábuas proibia o enterro *in urbe*, no interior da cidade” (ARIÈS, 1977:22). As variações em torno da morte na história estão presentes no aspecto cultural, social e também político. A visão aqui tratada está vinculada à questão do poder que não exclui os fatores acima mencionados. Morrer no século XIII era algo presente no cotidiano de forma positiva, visto que o cemitério, local onde jazem os corpos sem vida, era o lugar de encontro da sociedade. Entretanto, tal concepção fora alterada com o passar dos anos. O homem em sua história passou a ter uma visão diferenciada sobre a morte e o bem morrer.

Morrer para o período medieval era libertar a alma, que ficara durante a vida aprisionada ao corpo. Este era tido como pecaminoso, o motivo pelo qual o homem se distanciava de Deus. Observemos, entretanto as peculiaridades deste período histórico, em que predominava o pensamento religioso, tendo por base a Igreja Católica de Roma. Entre a Idade Média, e meados do século XVIII, houve uma predominância no Ocidente católico de uma relação de proximidade entre vivos e mortos (REIS, 1991:73).

Na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro, quase dois mil e oitocentos escravos eram enterrados por ano entre 1840 e 1849, em média (KARASCH, 2000:144). No caso de Vassouras, os números nos apontam um menor quantitativo de escravos para a região se comparada à capital do império, mas havia a distinção na hora da morte presente em diferentes locais para o enterro: interior da Igreja, cemitério da Igreja, da cidade e das fazendas.

No século XIX, a morte no Brasil estava agregada a valores diversos devido à formação social que se iniciara com a colonização. A junção de vários povos permitiu uma complexidade cultural que influenciava direta ou indiretamente a cultura da sociedade brasileira oitocentista. As tradições africanas e portuguesas, ambas presentes em Vassouras, acreditavam que deveria existir uma preparação para a morte. “Em ambas as tradições aconteciam cerimônias de despedida, vigílias durante as quais se comia e bebia, com a presença de sacerdotes, familiares e membros da comunidade” (REIS, 1991:90). Na África e também em Portugal, o número de vivos era importante nos rituais de passagem, tornando o momento de transição para o além, seguro e definitivo, funcionando como um tipo de

prevenção para não serem atormentados por almas insatisfeitas. Como funcionaria esta prática para os escravos, que sofriam em vida e muito provavelmente até à hora da morte?

Portugal teve em 1835, uma lei que proibia enterros nas igrejas e indicava a construção de cemitérios fora dos limites urbanos, estipulando um prazo de quatro anos para que tal ordem fosse seguida. Também indicava que os cadáveres deveriam ser enterrados em covas individuais. Claro que em se tratando de um país católico este fato levou a uma tensão e ao não cumprimento de tal lei, mesmo podendo os padres ser destituídos dos seus cargos. A população continuou enterrando seus mortos nas igrejas e cemitérios paroquiais (REIS, 1991: 85). Este fato demonstra a importância do cemitério alojado nos limites sagrados das igrejas. A importância do cemitério para a realidade da população do século XIX está associada a sua cultura religiosa que extrapola até mesmo noções sanitárias.

Fato comprovado na análise dos registros de óbito dos livres de Vassouras, pois no ano de 1841, fora enterrado numa cova dentro da igreja, Bernardo Gomes de Aguiar. Junto ao portão principal da Igreja, no ano de 1842, Antonio e atrás da capela foi enterrado no ano de 1847, Diolina Cezarina das Flores. No ano de 1849, o inocente Jose. No Recinto da matriz em 1850, Maria Barbosa da Silva e em 1852, Lúcio Gomes. Houve um declínio no número de assentos dentro da Igreja, prevalecendo a partir de 1850, os enterros nos cemitérios. Entre os escravos os números são muito menores, mas demonstra a preocupação de alguns senhores com um enterro aos moldes católicos de alguns poucos escravos. Este fato nos sugere uma demarcação social, que poderia funcionar como instrumento de controle. Nos registros analisados, existem algumas referências a cativos que foram enterrados nas dependências de igrejas, como João, falecido em 1842. Mas uma grande maioria teve seu assento em cemitério. Alguns parecem ter sido enterrados em cemitérios particulares, que são identificados pelo nome de seu proprietário.

O porto do Rio de Janeiro no século XIX apresenta um cenário distinto do apresentado até aqui, pois os cativos mortos antes de serem vendidos para fazendas de diversas capitâneas, eram enterrados no chamado cemitério dos pretos novos. Estes recém chegados tinham seus corpos colocados em covas rasas, à flor da terra, o que causava infortúnios aos moradores vizinhos e aos transeuntes do Valongo (PEREIRA, 2007:9). Uma vez mais podemos nos remeter a hierarquização social, onde escravos dependendo de

sua colocação na sociedade escravista brasileira, poderia não ter acesso a um funeral nos moldes da religião dominante. Se existia uma diferenciação entre os cativos que já estavam inseridos em tal sociedade, podemos pressupor os quão segregados estavam os que mal chegavam ao porto.

Em Vassouras, percebemos a importância do cemitério, algo que significa hierarquização social, pois logo após a Igreja matriz situava-se o cemitério da boa sociedade, seguido pelo lugar de sepultamento dos pobres e somente depois o local onde deveriam ser enterrados os escravos. Um número irrisório de cativos, entretanto, fora enterrado nos recintos da igreja, como citado acima. João José Reis ao analisar a importância da extrema-unção, a associa ao sepultamento. Na sua perspectiva, o doente que negasse receber tal sacramento fosse por “desprezo” ou “contumácia”, a ele deveria ser negado a sepultura em solo consagrado, demonstrando por meio do seu discurso o seu poder (REIS, 1991).

A realidade de Vassouras no século XIX nos apresenta uma preocupação religiosa com a morte, mesmo para com os cativos, ainda que grande parte deles era enterrada nos cemitérios existentes em fazendas, ou em muitos casos como nos sugere as fontes, não tiveram um registro. Na maioria dos Registros de óbito de escravos entre os anos 1840 e 1870, os sacramentos são recorrentes. Este fato, não nos informa a religião dos escravos, sequer se ele tinha alguma. Entretanto, o ritual católico de bem morrer era exercido pelo seu proprietário ou pelo pároco. As relações de poder existentes na sociedade escravistas, tensas e hierarquizadas, permitiram em certa medida ao cativo o direito a uma morte nos moldes católicos. Entretanto, quais os cativos que poderiam ou mereciam ter tal enterro? Podemos pensar esta atitude como um modo de manutenção de poder, tendo em vista que nem todos os cativos eram enterrados nos cemitérios de Igreja, sequer recebiam um assento.

Acreditamos que esta era uma outra maneira encontrada pela sociedade escravista, em especial a de Vassouras para melhor conseguir o modelo ideal de conduta escrava. Devemos ter em conta que o Império do Brasil era católico. Religião herdada da antiga metrópole portuguesa ainda representada pelo imperador. Os sacramentos tidos por “ritos de incorporação”, principalmente a extrema-unção eram ministrados nos momentos finais

de um indivíduo. Tais ritos podem ser definidos como dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes.

As divergências sociais estão presentes na hora derradeira. E a morte se apresenta como mais um fator de diferença na sociedade escravista, onde escravos, livres e forros, eram qualitativamente segregados. Entretanto, podemos vislumbrar a inserção de ex-escravos no universo de livres, na forma de bem morrer. Mas o seu passado não o abandona, pois nos registros de livres, consta a informação no assento se o mesmo fora escravo e o nome de seu antigo proprietário.

Morrer pode ter vários significados e o que nos ocupa neste texto é o valor da morte associada às hierarquias sociais relacionadas à economia, política e cultura. As particularidades da morte de escravos, livres e forros, está presente em minúcias encontradas nos registros de óbitos.

Os registros de livres e forros somam dois mil trezentos e sessenta e nove entre 1840 e 1870, entretanto, apenas quarenta e cinco deles apresentam *causa mortis*, e em poucos constam todas as informações desejadas. Se considerarmos os anos entre 1840 e 1849, temos apenas onze contra trinta e quatro dos anos 1850 a 1870. Nem mesmo os registros que foram efetuados a partir do “mappa” da Santa Casa da Misericórdia, nos dão essa informação. As causas *mortis* dos livres são em muito diferentes da dos escravos. Se entre os cativos a maioria tinha como causa da morte doenças pulmonares, entre os livres, geralmente não era citada doença ou enfermidade. Fato que nos sugere pensar, que os males físicos só afetavam os desprovidos de liberdade.

Somam os registro de escravos, dois mil quinhentos e noventa e seis entre os anos 1840 e 1870 em Vassouras e as informações sobre *causa mortis* são escassas, as mesmas se tornam mais numerosas a partir do ano de 1870. Fato que reitera a falta de informações sobre os cativos na sociedade escravista do oitocentos. Por um outro viés de análise, podemos perceber que embora os cativos somassem um número significativo, os seus registros eram inferiores numericamente ao dos livres. Segundo Ricardo Salles, ouve uma evolução da população escrava de Vassouras entre 1840 e 1884. Ocorreu uma acumulação da propriedade escrava, devido ao crescimento bruto da população cativa da ordem de 34% entre 1840 e 1850, quando passou de 14.333 para 19.210 indivíduos. Em 1872 a população cativa atingia o marco de 20.168. (SALLES, 2007: 133). Tais números nos aproximam do

fato de serem poucos os escravos que recebiam um enterro em moldes católicos se comparados com o número de cativos que formavam a mão-de-obra de Vassouras para o período analisado.

Outro ponto que merece destaque é o referente à idade em que ocorriam os óbitos. Por meio desta análise percebemos alguns pontos interessantes no que tange as demarcações de tempo e expectativa de vida de escravos e livres. Os baixos números de óbitos de escravos antes dos sessenta anos até o ano de 1849 reiteram os maus tratos e condições de vida que tiveram os cativos. Este fato foi amenizado com o fim definitivo do tráfico negreiro. A Lei de número 581 de 24 de Setembro de 1850 representou a ruptura de um comércio que gerava muito lucro e propiciava mão-de-obra para fazendeiros do Brasil oitocentista.

Tabela 1 – Faixa etária dos óbitos de escravos, ocorridos em Vassouras, 180-1849.

ANO	FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS
1840 - 1849	0 – 2	190
	3 – 10	8
	11 – 15	0
	16 – 40	0
	41 – 60	0
	+ 60	0
	adultos	207
TOTAL		405

Extraído do Arquivo do Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

A tabela um nos informa que, do ano 1840 até o ano de 1849, foram registrados cento e noventa inocentes e duzentos e sete adultos. Somando a estes números os que aparecem separados por idade, há uma diferente quantificação de óbitos por faixa etária. A maioria dos óbitos até o ano de 1849 têm poucas informações sobre a idade na hora da morte, bem como a causa *mortis*. A idade, provavelmente em alguns casos, era aproximada, deduzida pelo escrevente, ou pelo próprio proprietário do cativo. Não podemos descartar também a possibilidade de o próprio cativo deduzir sua idade, sendo ela considerada como correta pelo seu proprietário.

Incluindo párvulos, menores e recém-nascidos, temos cento e noventa e oito óbitos de crianças escravas, o que representa 46,92% do total dos óbitos analisados entre os anos de 1840 e 1849. Contra, incluindo buços, duzentos e sete escravos adultos mortos, que representavam 51,11%. Dentre estes não existe nenhum acima dos cinquenta anos.

Tabela 2 – Faixa etária dos óbitos de escravos, ocorridos em Vassouras, 1850-1880.

ANO	FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS
1850 - 1870	0 – 2	765
	3 – 10	166
	11 – 15	49
	16 – 40	661
	41 – 60	49
	61 – 99	61
	100 ou + adultos	4 48
TOTAL		1803

Extraído do Arquivo do Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

A tabela dois demonstra um aumento significativo de cativos que morreram com mais de cinquenta anos a partir da segunda metade do século XIX. A mudança mais significativa se encontra na faixa dos dezesseis e quarenta anos. Esta era considerada a idade de maior produtividade dos cativos. Geralmente escravos nessa faixa etária tinham um preço alto no mercado. Fato que justifica o pensamento sobre mudanças no tratamento de cativos, principalmente dentro do período de sua vida ativa para o trabalho. Mudanças que também refletiram nas relações de poder entre cativo e proprietário.

Tabela 1 – Faixa etária dos óbitos de livres, ocorridos em Vassouras, 1840-1849.

ANO	FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS
1840 - 1849	0 – 2	211
	3 – 10	9
	11 – 15	4
	16 – 40	15
	41 – 60	5
	61 - 99	11
	100 ou +	2
	adultos	3

TOTAL	260
-------	-----

Extraído do Arquivo do Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

Os homens livres somavam menor número de assentos de óbitos, mas as informações são mais precisas e detalhadas. Se entre os cativos, a maioria dos adultos era assim classificada, entre os livres, temos um detalhamento da idade dos óbitos numericamente. Entre os escravos, não foi registrado nenhum com idade superior a cem anos entre os anos de 1840 e 1849, entretanto, foram registrados dois livres nessa faixa etária.

Tabela 2 – Faixa etária dos óbitos de livres ocorridos em Vassouras, 1850-1880.

ANO	FAIXA ETÁRIA	ÓBITOS
1850 - 1870	0 – 2	591
	3 – 10	153
	11 – 15	30
	16 – 40	630
	41 – 60	250
	61 - 99	146
	100 ou +	4
	adultos	3
TOTAL		1807

Extraído do Arquivo do Centro de Documentação Histórica de Vassouras

A tabela dois nos apresenta uma diferença quanto ao número de óbitos de livres e escravos. Observemos que o número de indivíduos com cem anos ou mais é o mesmo, respeitando as diferenças numéricas relativas a formação social da Vassouras oitocentista. Os indivíduos livres fossem brancos, pardos ou pretos, tinha uma maior expectativa de vida, segundo a análise dos óbitos. Não podemos desconsiderar a possibilidade de ter havido mais atenção aos registros de homens livres do que dos escravos. Observando a faixa etária dos dezesseis e quarenta anos, percebemos que livres e escravos, se aproximavam em números.

A expansão cafeeira viabilizou a entrada maciça de escravos negros no Vale do Paraíba Fluminense, fato que modificou a estrutura social e étnica daquela sociedade. O trabalho escravo foi de tamanha importância para a economia brasileira do Sudeste

escravista que se manteve “econômica e socialmente dependente do trabalho escravo até princípios de 1888” (MATTOS, 1998: 18). Desta forma, o número de cativos era significativa e não corrobora com os números dos assentos dos mesmos.

O tratamento dado a cativos moldara a forma de viver, as relações de poder e o bem morrer. As péssimas condições de higiene e trabalho foram fatores propiciadores de doenças e propagação das mesmas. A condição de vida do escravo poderia estar intrinsecamente ligada à morte prematura. Os cativos tinham toque de chamada e de recolher, eram revistados e ao fim dos trabalhos cotidianos recolhidos às Senzalas e de lá não deveriam sair (REIS e SILVA, 1989: 26). A morte esteve presente de forma recorrente na sociedade Vassourense do século XIX, demarcando a importância da igreja e a sua relação com muitos proprietários de cativos. Da mesma forma, demonstrava o poder dos proprietários sobre seus escravos, e a hierarquia social, existente também entre os cativos.

Fontes Primárias:

Registro de Óbitos de escravos, 1840-1870. Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

Registro de Óbitos de livres, 1840- 1870. Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

Referências bibliográficas:

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.**

Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

CASTRO, Hebe M. Mattos de. Laços de Família e direitos no final da escravidão. In:

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade:** uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, David Brion. **O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850).** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio:** os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, Julio César Medeiros da Silva. **À Flor da Terra:** o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Garamond: IPHAN, 2007.

REIS, João José. **A morte é uma Festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SALLES, Ricardo. *Vassouras 1850-1870: Escravos e Senhores no Coração do Império.* Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2005.

STEIN, Stanley J. **Vassouras:** um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.